



Bruno César Jamil Ismail está em seu último semestre de Administração na FEA-USP. Como universitário, fez intercâmbios de trabalho e acadêmico nos Estados Unidos e na Holanda, e desde o início do ano passado ganha experiência no mercado, como estagiário. Em sua avaliação, “o Brasil está vivendo um desenvolvimento orgânico e o mercado está aqui”.

► **Bruno César Jamil Ismail**

USP, EUA, Holanda – uma experiência e tanto!

JC – Quando você decidiu fazer Administração?

Bruno – Até a 8ª série eu pensava em Engenharia e Administração. No 1º colegial descobri que não era para Exatas que eu queria ir. Administração ficou como a opção mais equilibrada. Teria mais a ver com o mundo corporativo, empresarial.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei Unicamp, para Economia, para ter uma opção no vestibular. Passei também, mas o que realmente me interessava era a USP.

Quando você veio estudar no Etapa?

Em 2003, na 8ª série. Eu vim porque tinha várias recomendações de amigos daqui. Eu queria entrar na USP e conhecia boas histórias de sucesso no colégio. De aprovações, no caso.

Como foi sua adaptação no colégio?

Você entra numa nova dinâmica de atividades e demora certo tempo até se acostumar com o processo. Mas a adaptação foi tranquila.

No 3º ano do Ensino Médio você aumentou seu ritmo de estudos?

A diferença do 3º ano em relação aos outros anos foi a intensidade maior. Muito mais simulados, provas mais difíceis. Eu tinha uma banda – sempre tocava aqui em todas as gincanas –, mas, para poder estudar mais, cortei a agenda de shows que fazia em alguns bares. Passei a fazer só um show por mês.

Como foi o início na FEA?

Entrei com 17 anos ainda. Foi uma sensação de liberdade. A dinâmica acadêmica, principalmente no 1º ano, era muito mais reduzida do que aqui. Eu não me preocupava em estudar tanto, ia a eventos sociais, festas, voltei a encontrar amigos. Mas não desviei o foco básico do curso e procurei manter um bom nível de notas.

Você se adaptou bem ao novo ambiente?

Muito bem. A USP permite um desenvolvimento multipolarizado. Na bandeja você encontra pessoas de dezenas de cursos diferentes, de formações diferentes, de lugares diferentes do Brasil. Você tem acesso a um universo de informações e de valores.

Como se desenvolveu o curso de Administração, ano a ano?

Para dar uma visão geral, há quatro grandes áreas: Finanças, Marketing, RH e áreas quantitativas, que incluem Estatística e uma série de coisas. Há ainda uma quinta área, que são as Ciências Sociais e Filosofia. No 1º ano, das matérias mais básicas, tem as



Nesta Edição

entrevista	1
Carreira – Administração	1
conto	4
O tesouro – Eça de Queirós	4
para pensar	6
Quadrinho – Piratas do Tietê – Laerte	6
artigo	7
Olhos a partir de células-tronco	7
entre parêntesis	7
Moedas	7
sobre as palavras	7
Pagar o mico	7
pois é, poesia	8
Augusto dos Anjos	8

introduções e as chamadas ferramentas, que vão ajudar a pensar melhor nas matérias do tipo Metodologia, Filosofia; Contabilidade Introdutória, que vai abrir Finanças, Contabilidade. No 2º ano já se começa a entrar em algo mais específico, a ter uma imersão nas áreas. No 3º ano você começa a discutir, a propor soluções novas. E o 4º ano é de consolidação e de encontro com o mercado. Tem um aspecto de MBA. Profissionais trazem sua experiência de mercado e confrontam com a teoria. No 4º ano você está mais maduro, mais pronto para o meio externo, não só o mercado, mas para a vida mesmo, em geral.

Durante o curso, além das aulas, você participou de outras atividades?

Além de fazer intercâmbios nos Estados Unidos e na Holanda, na FEA eu fazia parte do Centro Acadêmico, sempre participando de várias atividades, das palestras, dos *workshops*. A FEA tem um ambiente muito rico. Um programa interessante é o de extensão e serviços à comunidade. A ideia é que você dê uma consultoria empresarial para uma organização carente de recursos, de mão de obra, carente de perspectivas. Você tem de trabalhar para que ela cresça ou entre em algum mercado. Eu e mais quatro alunos pegamos uma escola comunitária de futebol, que atuava na USP. Ela não tinha um sistema financeiro contábil, não tinha recursos humanos. Fizemos um projeto durante um ano, foi produtivo e bem interessante.

Esse trabalho é assessorado por professores?

Cada projeto tem um professor responsável. Professor tutor. E tem um professor que cuida de todos os tutores e grupos, nos vários projetos.

Você disse que fez intercâmbio nos Estados Unidos e na Holanda. O que estudou em cada um deles?

Nos Estados Unidos, do 2º para o 3º ano, eu fiz intercâmbio de trabalho, o Work Experience Program [programa de experiência de trabalho], que é promovido por agências e dura três meses. Você vai na temporada de inverno deles e trabalha em turismo ou outras atividades. Fui para o Colorado, região de Aspen, no Summit County. A cidade em que fiquei chama-se Silverthorne, a uma hora de Aspen.

Como foi esse intercâmbio?

Trabalhei num hotel, de dezembro de 2008 a março de 2009. Foi bem no meio da crise de lá. Os jornais falavam, “no job for brazilians” [não há emprego para brasileiros]. Aquela é uma região muito procurada por intercambistas, porque é muito rica. Tinha muita gente tentando emprego lá, só que, com a crise, a maior parte não conseguia. Eu consegui ser recepcionista e auditor de um hotel. Como auditor tinha basicamente de fazer o controle de pagamentos diários. Era um emprego “de gente”, não fui subutilizado. Inicialmente eu morava numa casa com mais 11 brasileiros e só dois tinham emprego, eu e mais um. Sem emprego, muitos foram saindo. E nisso tivemos de reinventar, porque o aluguel mensal era de 3 600 dólares. Com menos pessoas, o aluguel para cada um foi aumentando. A gente começou a anunciar vagas e, no final, a casa tinha seis suíços, três americanos e os três brasileiros. Eu e mais dois.

Como foi o intercâmbio na Holanda?

A cultura de intercâmbio na FEA é forte e desde o início eu queria uma faculdade de Amsterdã que era conhecida como uma das melhores escolas de *business* na Europa. E também como uma das mais difíceis, que exigia as maiores notas. Comecei a me esforçar a partir do segundo semestre do 2º ano e, estudando muito, consegui ficar com 7,9 no final. Eu estava inscrito no programa de intercâmbio e, no começo de março de 2010, fui aprovado para Amsterdã.

Qual a escola em que estudou na Holanda?

Foi a Vrije Universiteit [Universidade Livre] de Amsterdã. Foram seis meses, de agosto de 2010 a janeiro de 2011.

Você ficou no campus mesmo? Eles oferecem moradia?

Sim. Quarto individual, banheiro e cozinha coletivos. Mais de 10 mil estudantes moram naquele *campus*.

E os custos, como foram?

Consegui uma bolsa pela FEA. Meu custo era basicamente alimentação, viagens pessoais, entretenimento. Gastava entre 600 e 800 euros por mês.

Você só estudou ou chegou a trabalhar também?

Trabalhei. Não consigo ficar parado. Fui figurante num filme chamado *The bolt*. Basicamente, imigrantes de ex-colônias holandesas voltando ao seu país, num tom um pouco de crítica. Eu e mais 14 pessoas tínhamos de andar em formato de um barco, o filme era mudo e esse barco ia andando em três ambientes: praia, campo e cidade. Gravei por três dias, foi uma forma de conhecer o país e ganhar um dinheiro. Também fiz trabalho voluntário numa escola internacional. Esse trabalho voluntário era pago, ganhava 10 euros por hora cuidando de crianças de 3 a 10 anos, era o supervisor do almoço, falava só inglês. Basicamente, cuidava deles na hora do recreio, fazia o programa de alimentação saudável e dava pontos por alimentos.

Como assim?

Dava pontos para o que cada um trazia de lanche. A gente fazia uma competição entre as salas para ver quem tinha a alimentação mais saudável.

Você ficou quanto tempo nesse trabalho?

Trabalhei nisso os seis meses. Era uma hora por dia, próximo à faculdade. Fazia no intervalo de aulas, do meio-dia à 1 hora. Eu também ensinava português, conversação para estrangeiros. Tinha duas alunas. Uma era americana e trabalhava na Bolsa de Nova York na Holanda. Ela tinha interesse em trabalhar no Brasil. A outra era italiana, tinha uma proposta para trabalhar em Angola, e precisava falar mais fluentemente o português. Eram mais ou menos três horas de aula por semana para cada uma.

O que você estudou na universidade?

Fiz quatro matérias, tinha de estudar bastante. Fiz uma matéria de Marketing, uma de RH, uma de Gestão do Conhecimento e uma chamada Integração Europeia e Desenvolvimento de Redes. Falava de imigração dentro da Europa, conflitos dentro da Europa, situação econômica dentro da Europa. Era a aula que eu queria. Uma aula de Europa para europeus.

Você conseguiu também viajar?

Terminado os seis meses acadêmicos fiz um mochilão de 30 dias, passei por 11 países, num esquema de trens ilimitado.

O que você conheceu?

Copenhague, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Zurique, Roma, Florença, Veneza, Mônaco, Cannes, Nice, Barcelona, Madri, Lisboa. Ao tentar entrar na França fui detido por duas horas. Eu tinha um visto de estudante válido por seis meses na Holanda, e o cônsul aqui no Brasil disse que após esse tempo eu teria mais três meses como turista brasileiro na Europa. Eu então tinha ainda até abril e maio para viajar como turista. Mesmo assim, na França me detiveram na fronteira e me mandaram de volta para a Espanha. Eu tenho sobrenome árabe, não sei se isso influenciou. Na Espanha contei toda a história, o delegado começou a rir e falou muito mal dos franceses. Consegui voltar para Amsterdã.

O que a experiência na Holanda acrescentou?

De certa forma foi uma continuação da experiência dos Estados Unidos, só que em maior dimensão. Eu estava em contato



com 50 culturas. 500 pessoas moravam no mesmo prédio. 500 intercambistas estudando na Holanda. Eu tinha vizinhos de porta da Índia, África do Sul, Lituânia, Romênia, Itália, Alemanha. E outros 30 países. Isso é realmente muito rico. Você tem uma visão de *business* numa outra instituição, num país que é vanguarda nessa área. É o país que criou a Bolsa de Valores, é um país que cria novas regras o tempo inteiro, um país que tem as melhores práticas de sustentabilidade. Tudo isso agregou muito.

Ao voltar à FEA, o que mais você fez?

Em uma semana eu já estava contratado pela International Paper. É a empresa que faz os papéis Chamex, entre outros. Fiquei nove meses. Até novembro passado.

Qual era sua atividade nessa empresa?

Era estagiário de estratégias comerciais. Fazia a parte de mapeamento de mercado, monitoramento dos concorrentes, acompanhamento de preços e gerava estratégias para as empresas em relação ao mercado. Era o cara de inteligência, como a gente chama.

Você ficou até novembro. E depois?

Saí em meados de novembro, numa sexta-feira. Na segunda-feira já estava na Frost & Sullivan, uma consultoria que me encontrou por meio do *linkedin.com*, uma rede de relacionamentos profissionais. Passei por entrevista, na qual tive de dizer como resolveria um caso.

Foi a empresa que veio buscar você?

Sim, fui recrutado. Eu tinha uma perspectiva boa na International Paper, como possível *trainee*. Mas eu só poderia prestar *trainee* em setembro de 2011, porque em setembro de 2010 eu ainda não estava formado. Não quis esperar e aceitei a proposta da consultoria, que atua num segmento em que poderia me desenvolver mais.

O que você faz na consultoria?

Em geral, mapeamento de mercado. Também é uma área de inteligência, porém a gente dá uma ideia mais de futuro. O relatório informa: você vai crescer tanto em tanto tempo, seus concorrentes são estes, os principais impulsionadores deste mercado vão ser estes, os principais limitadores vão ser estes. Damos uma informação estratégica para a empresa.

Você está em seu último semestre na FEA. Qual sua maior preocupação?

O futuro profissional. Para onde vou? Se você levou a sério o curso, pode ir para onde quiser: consultoria, serviços, bancos, indústria. Vou querer ir para fora? É nessa fase que estou agora, das opções.

Você pretende continuar estudando?

Uma das minhas opções é fazer mestrado fora. Enquanto estava na Holanda tive uma proposta para fazer mestrado em petróleo em Milão, com tudo pago, mais uma bolsa. Se eu quisesse seguir uma carreira mais acadêmica, com certeza ia fazer mestrado. Mas não quero. Se ficar na consultoria em que estou eu posso ter mais crescimento do que se fizer um mestrado. Porém, pretendo estudar de novo, daqui a uns sete ou oito anos. Fazer um MBA para me atualizar.

Então, no momento, você pretende investir na carreira profissional, no trabalho?

Isso, porque o mercado está aqui. Isso é uma coisa fundamental. Esses jovens que vão ler o jornal estão na melhor fase possível do Brasil, melhor que o *boom* econômico de 1970, porque agora a riqueza está mais dividida. O país está vivendo um desenvolvimento orgânico. Tenho amigos europeus que estão vindo para cá. Estão se esforçando muito para conseguir uma vaga de mestrado aqui, porque o mercado está aqui. Aqui, na China, na Índia, na Rússia.

Daqui a uns 10 anos, como você se imagina?

Tenho ambições grandes. Eu me vejo num contexto global, de alguma forma. Posso estar no Brasil, mas me relacionando com o mundo. Posso estar num negócio próprio, posso estar numa consultoria, posso estar numa empresa. Hoje isso está aberto para mim. Minha bagagem acadêmica me permite ter vários caminhos para chegar ao meu objetivo. Daqui a 10 anos quero estar numa situação muito boa.

Quais são as áreas de atuação do administrador?

São as mais diversas possíveis. Você pode ir para qualquer área que exija, de certa forma, uma capacidade de administrar. Geralmente as pessoas vão para as áreas de finanças, *marketing*, recursos humanos. O aluno da FEA é muito atraído pelo mercado financeiro. Há muitas oportunidades.

Hoje, voltando ao Etapa, o que vem de lembranças para você?

Muitas coisas. O ambiente do colégio era ótimo, era muito legal vir para cá e seguir o ritmo que os professores davam às aulas, principalmente o nível de complexidade que eles permitiam aos alunos absorver. Eles davam um conteúdo complexo e conseguiam fazer com que os alunos entendessem e ficassem pessoas mais inteligentes para o mundo, não só para o vestibular. E sempre toquei nas gincanas, gostava dessa parte mais social do colégio.

Você tem amigos da época do colégio?

Com certeza. Muita gente na USP, muita gente na Unesp, Unicamp.

O que você diria a quem está na dúvida e talvez possa ir para a área de Administração?

Se você está na dúvida, não sabe o que fazer, não é uma boa achar que Administração é a saída. Isso gera altos níveis de insatisfação no decorrer do curso. Não saber o que fazer e fazer Administração é fria. Vejo por colegas que se arrependem e/ou mudaram de curso e perderam tempo ou são infelizes na sua opção. Agora, se você gosta de muitas coisas que têm uma convergência para *marketing*, finanças, ambiente corporativo, vale a pena fazer Administração. Porque a ideia é essa, ser um profissional versátil, aberto para várias coisas.

Você quer dizer mais alguma coisa para os alunos do colégio?

Para finalizar, é essencial ter foco nesta fase agora, ter suas próprias metas. Com certeza absoluta, quem absorver a bagagem que o Etapa dá estará totalmente pronto para entrar na faculdade.

Jornal do Colégio ETAPA

Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343